

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**Bacharelado em Saúde Coletiva**

**RICARDO PALMEIRO LUBISCO**

**A EXPERIÊNCIA COM USO DAS IMAGENS NA SUA RELAÇÃO COM A  
CIÊNCIA: o processo de produção do documentário *Eu, nós... Elas Quilombolas***

**PORTO ALEGRE, RS**

**2024**

RICARDO PALMEIRO LUBISCO

**A EXPERIÊNCIA COM USO DAS IMAGENS NA SUA RELAÇÃO COM A  
CIÊNCIA: o processo de produção do documentário *Eu, nós... Elas Quilombolas***

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para obtenção de  
título de Bacharel em Saúde Coletiva, pelo  
curso de Graduação em Saúde Coletiva da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana Engel  
Gerhardt

**PORTO ALEGRE, RS**

**2024**

## CIP - Catalogação na Publicação

Lubisco, Ricardo Palmeiro  
A EXPERIÊNCIA COM USO DAS IMAGENS NA SUA RELAÇÃO  
COM A CIÊNCIA: o processo de produção do documentário  
Eu, nós... Elas Quilombolas / Ricardo Palmeiro  
Lubisco. -- 2024.  
94 f.  
Orientadora: Tatiana Engel Gerhardt.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de  
Enfermagem, Curso de Saúde Coletiva, Porto Alegre,  
BR-RS, 2024.

1. COVID-19 . 2. Quilombola. 3. Vacinação. 4.  
Documentário cinematográfico. 5. Racismo. I. Gerhardt,  
Tatiana Engel, orient. II. Título.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que fizeram parte desse documentário, em especial as  
mulheres quilombolas de Morro Alto-RS.

## AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Tatiana Engel Gerhardt, por ter feito eu acreditar em mim mesmo durante toda a trajetória acadêmica e por nunca ter desistido da minha graduação. Por ter me convidado para explorar a Iniciação Científica (onde um mundo inteiro se abriu para mim) e por ter me dado uma oportunidade de trabalhar com produção audiovisual. Sem a sua generosidade eu **nunca** chegaria até aqui.

Ao professor Daniel Canavese, pelo seu brilhantismo em sala de aula e por me proporcionar a experiência de produzir um curta-metragem para a UNAIDS Brasil, fundamental para que eu conseguisse superar os desafios na construção desse documentário.

A Marlise Bock Santos, por ser essa pessoa inspiradora e um exemplo de humanidade e profissionalismo. Obrigado por todas as caronas, as conversas e a confiança.

A Elsa Roso, exemplo de assistente social, trabalhadora do SUS e responsável por me proporcionar uma experiência única e maravilhosa durante meu estágio obrigatório no Hospital Sanatório Partenon.

Ao Adolpho Herbert Augustin, por me incentivar cotidianamente a fazer o vestibular da UFRGS.

A Carolina Remussi Giordano, amor da minha vida, por existir nesse planeta ao mesmo tempo que eu. Por toda a sua generosidade, carinho, atenção, sensibilidade e amor. Obrigado por estar ao meu lado durante essa etapa e fazer os dias serem mais leves. Dividir a vida contigo é estar sempre com brilho nos olhos!

A todas as pessoas que contribuíram para a criação e manutenção do Sistema Único de Saúde e acreditam no seu pleno potencial através da equidade e da integralidade.

A Marielle Franco por ser inspiração e símbolo de luta. Marielle Presente!

Ao meu falecido pai, Norberto Lubisco, por ter me dado o melhor presente de todos: sua paixão pelo cinema.

## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de registrar o processo de produção do documentário *Eu, nós... Elas Quilombolas* com a finalidade de analisar a experiência com o uso das imagens na sua relação com a ciência. As populações quilombolas são uma parte importante da história e cultura brasileira, preservando tradições, crenças e modos de vida distintos. Elas também são vítimas de desigualdade e injustiça baseada no racismo estrutural, o que as coloca em uma situação de vulnerabilização. O desenvolvimento do registro aqui apresentado retoma o que aconteceu durante todo o processo de produção do documentário e se constitui como um diário de filmagem, problematizando as relações pesquisador e campo de pesquisa através dos desafios apresentados, transformando-se assim em um aspecto crucial da produção de conhecimento e complementando o próprio documentário em si, que também foi objeto de produção de um artigo científico. No caso desse documentário tentamos expressar, através da escuta e da linguagem visual, subjetividades latentes na construção das relações entre as pessoas que compõe a comunidade quilombola de Morro Alto-RS e as pessoas profissionais de saúde que se relacionam com essa comunidade. A forma artística com que resolvemos mostrar essa história revelou questões subjetivas registradas nesse trabalho.

**Palavras-chave:** COVID-19, Quilombola, Vacinação, Documentário cinematográfico, Racismo.

## ABSTRACT

The present work aims to document the production process of the documentary *Eu, nós... Elas Quilombolas* with the purpose of analyzing the experience with the use of images in its relationship with science. Quilombola populations are an important part of Brazilian history and culture, preserving distinct traditions, beliefs, and ways of life. They are also victims of inequality and injustice based on structural racism, placing them in a vulnerable situation. The development of the documentation presented here reviews what happened throughout the entire production process of the documentary and serves as a filming diary, problematizing the researcher-field relationships through the challenges presented. This becomes a crucial aspect of knowledge production, complementing the documentary itself, which was also the subject of a scientific article. In the case of this documentary, we attempted to express, through listening and visual language, latent subjectivities in the construction of relationships between the individuals comprising the Quilombola community of Morro Alto-RS and the healthcare professionals who interact with this community. The artistic form in which we chose to present this story revealed subjective issues recorded in this work.

**Keywords:** COVID-19, Quilombola, Vaccination, Documentaries and Factual Films, Racism

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 - Tatiana Engel Gerhardt.....   | 18 |
| Figura 2 - Ricardo Lubisco.....  | 18 |
| Figura 3 - Jaqueline Oliveira .....  | 18 |
| Figura 4 - Natália Bristot Migon .....   | 19 |
| Figura 5 - Gustavo Maluf.....  | 19 |
| Figura 6 - Joseane dos Santos .....  | 19 |
| Figura 7 - Joana Eschiletti.....   | 20 |
| Figura 8 - Jéferson Silva .....  | 20 |
| Figura 9 - Shandler Guterres.....  | 21 |
| Figura 10 - Rosemeri Madrid .....  | 21 |
| Figura 11 - Shandler, Ricardo e Gustavo configurando equipamento de gravação.....  | 25 |
| Figura 12 - Fernanda Oliveira, responsável pela Atenção Primária da 18ª Coordenadoria Regional de Saúde do RS .....      | 26 |
| Figura 13 - Bastidores do set de gravação .....  | 27 |
| Figura 14 - Composição das entrevistadoras em um momento de gravação .....   | 28 |
| Figura 15 - Eu, configurando a câmera para a gravação.....   | 29 |
| Figura 16 - Movimentação em frente a 18ª CRS para a gravação de takes com a Fernanda .....                               | 30 |
| Figura 17 - Shandler captando detalhes da Fernanda em frente a 18ª CRS.....  | 31 |
| Figura 18 - Descarregando o carro para captar imagens da região .....  | 33 |
| Figura 19 - Figueira centenária, personagem central do documentário .....  | 34 |
| Figura 20 - Igreja localizada ao lado do Ribeirão Futebol Clube, local onde está situada a Figueira...                   | 35 |
| Figura 21 - Catiani sentada em frente a UBS - Maquiné.....   | 38 |
| Figura 22 - Fachada da UBS - Maquiné.....  | 39 |
| Figura 23 - Bastidores da montagem de set para gravação na UBS - Maquiné .....   | 40 |
| Figura 24 - Testes de enquadramento e luz para gravação na UBS - Maquiné .....   | 41 |
| Figura 25 - Tapando a incidência de luz no visor da câmera para enxergar o enquadramento e ajustar as configurações..... | 42 |
| Figura 26 - Gravações paralisadas para passagem de um caminhão na rua .....  | 43 |
| Figura 27 - Perspectiva das entrevistadoras em meio as gravações .....   | 44 |
| Figura 28 - Shandler gravando cenas da Catiani em ruas próximas da UBS - Maquiné.....                                    | 45 |
| Figura 29 - Em direção da casa da Sônia e da Máisa, um local mais isolado.....   | 47 |
| Figura 30 - Ao fundo, Máisa e seu pai conversando em frente à casa.....  | 48 |
| Figura 31 - Vista da casa da Sônia e da Máisa: uma imensidão azul entre o céu e a lagoa.....                             | 49 |
| Figura 32 - Bastidores da gravação com a Sônia.....  | 50 |
| Figura 33 - Máisa pede uma pausa nas gravações para refletir, momento de muita emoção do documentário .....              | 51 |
| Figura 34 - Edite emocionada durante as gravações .....  | 53 |
| Figura 35 - Equipe "escondida" atrás da câmera .....   | 54 |
| Figura 36 - Vista de frente da casa da Edite .....   | 55 |
| Figura 37 - Porção de gatos no terreno da Edite.....   | 56 |
| Figura 38 - Preparação para o início das gravações com a Edite.....  | 57 |
| Figura 39 - Frame do documentário mostra a beleza do enquadramento realizado pelo Shandler.....                          | 60 |
| Figura 40 - O enquadramento através do monitor de referência.....  | 61 |
| Figura 41 - Discussão entre a equipe antes da filmagem com a Catiani.....  | 62 |
| Figura 42 - Eu e Shandler protegidos do sol para conseguir enxergar o visor da câmera .....                              | 63 |



|  |    |
|--|----|
| Figura 43 - Catiani sentada no degrau de sua casa e falando com a equipe durante momento da gravação.....  | 64 |
| Figura 44 - Um dos muitos caminhos do quilombinho .....  | 65 |
| Figura 45- Jéferson observa o Shandler operar o drone para capturar imagens do Quilombinho .....   | 66 |
| Figura 46 - Placa em frente a Associação Rosa Marques Osório .....   | 69 |
| Figura 47 - Registro de café da manhã na Associação Rosa Marques Osório.....   | 70 |
| Figura 48 - Fachada da Associação Rosa Marques Osório .....  | 71 |
| Figura 49 - Lélia preparando uma galinhada para o momento de confraternização entre as mulheres quilombolas e a equipe de filmagem .....   | 72 |
| Figura 50 - Equipe do documentário posa em frente a Associação Rosa Marques Osório com as mulheres quilombolas .....   | 73 |
| Figura 51 - Ilustração da Figueira com suas raízes formando um coração: luta, sentimento e ancestralidade .....  | 76 |
| Figura 52 - Frame do documentário com close up na Edite.....   | 77 |
| Figura 53 - Frame do documentário com close up na Catiani .....  | 78 |
| Figura 54 - Frame do documentário com close up na Sônia .....  | 78 |
| Figura 55 - Frame do documentário com close up na Máisa.....   | 79 |
| Figura 56 - Registro da família da Catiani em frame do documentário. Inspiração no cinema de Eduardo Coutinho .....  | 79 |
| Figura 57 - Equipe em deslocamento para primeira exibição do documentário para a comunidade de Morro Alto-RS.....  | 82 |
| Figura 58 - Shandler, Tatiana e Ricardo posando com o pôster do documentário, na frente da Associação Rosa Marques Osório no dia da primeira exibição do documentário para a comunidade ..   | 83 |
| Figura 59 - Momento da primeira exibição do documentário na Associação Rosa Marques Osório ...   | 84 |
| Figura 60 - Equipe tensa nos bastidores, acompanhando a reação das pessoas durante a primeira exibição do documentário .....   | 85 |
| Figura 61 - Registro da equipe com as mulheres quilombolas de Morro Alto-RS, após a exibição do documentário, posando com as ilustrações que foram entregues de presente para elas como agradecimento e lembrança dessa experiência .....        | 86 |
| Figura 62 - Lançamento do documentário no Centro Cultural da UFRGS, em dezembro de 2022 .....  | 87 |
| Figura 63 - Presença das mulheres quilombolas de Morro Alto-RS, profissionais de saúde de Maquiné-RS e da 18ª Coordenadoria Regional de Saúde do RS no debate do documentário após a sessão no Centro Cultural da UFRGS em dezembro de 2022..... | 88 |
| Figura 64 - Presença da comunidade do quilombo de Morro Alto-RS na sessão do documentário na Sala de Cinema Redenção, da UFRGS, em março de 2023 .....   | 88 |
| Figura 65 - Pôster final do documentário .....   | 90 |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO .....   | 9  |
| 2 OBJETIVO .....   | 11 |
| 3 METODOLOGIA .....  | 11 |
| 4 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO <i>EU, NÓS... ELAS QUILOMBOLAS</i><br>..... | 12 |
| 4.1 UMA IDEIA NA CABEÇA .....  | 12 |
| 4.2 A CONSTRUÇÃO DO GRUPO .....  | 13 |
| 4.3 A PRÉ-PRODUÇÃO E O EXERCÍCIO DO PENSAR.....                                      | 15 |
| 4.4 A EXPERIÊNCIA ÚNICA DO TRABALHO DE CAMPO .....                                   | 22 |
| 4.5 DE CURTA-METRAGEM À DOCUMENTÁRIO .....   | 73 |
| 5 A ESCRITA DAS IMAGENS.....   | 80 |
| 6 CONCLUSÃO .....  | 89 |
| 7 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....   | 91 |

## 1 INTRODUÇÃO

As populações quilombolas são uma parte importante da história e cultura brasileira, preservando tradições, crenças e modos de vida distintos. Elas também são vítimas de desigualdade e injustiça baseada no racismo estrutural, o que as coloca em uma situação de vulnerabilização. (ANUNCIACÃO, D. et al., 2022, SANTOS, M. P. A. et al, 2020). Segundo Araújo et al. (2020)

O racismo foi constituído historicamente, com base na crença da inferioridade de um grupo em relação ao outro, enquanto prática de exclusão do diferente e exercício do poder como um sistema estruturado e estruturante. Ele é um determinante social de saúde que afeta adversamente a saúde das populações e representa a causa fundamental das iniquidades de acesso aos bens, recursos e oportunidades em uma realidade global (ARAÚJO, E. et al., 2020,p. 192).

O racismo na área da saúde pode ter consequências graves e negativas para a saúde e bem-estar das pessoas negras. Ele se manifesta através de diversas formas, como discriminação na atenção médica, falta de acesso a tratamentos de qualidade, estereótipos negativos sobre saúde e doenças, e subestimação dos sintomas apresentados por pessoas negras. Além disso, a falta de dados desagregados por raça ou etnia também pode contribuir para a perpetuação de práticas racistas na saúde, sabendo que negras e negros sofrem mais severamente os impactos da pandemia de COVID-19 (GOES, RAMOS, FERREIRA, 2020).

Nesse contexto, além da naturalização da pandemia, é importante refletir sobre a gravidade da falta de respostas adequadas resultando na morte de populações vulnerabilizadas. O Dossiê ABRASCO Pandemia de Covid-19 (2022) reúne uma análise técnica e política profunda sobre a emergência da COVID-19 no Brasil, um país desigual e injusto, e sua (não) gestão em toda sua complexidade.

O caso brasileiro tornou-se um paradigma da correlação entre negacionismo científico e necropolítica. Estudo conduzido por Ventura et al. (2021), que serviu como subsídio à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre a COVID-19, criada no Senado Federal, mostrou a intencionalidade da disseminação da doença pelo Governo Federal por meio de atos e omissões Uma clivagem ideológica, política e/ou eleitoral (a depender do momento, do país e do ator em questão) é que determinou a percepção da pandemia como uma oportunidade para o exercício do poder de causar a morte.

Esse atributo seria uma espécie de ponto intermediário entre as célebres expressões utilizadas por Michel Foucault em seus estudos sobre a biopolítica (no sentido de controle da vida): as tecnologias de poder evoluem das prerrogativas de fazer morrer e deixar viver aos atributos de fazer viver e deixar morrer. Sob o prisma estritamente material, causar a morte seria um pouco menos do que matar, mas um pouco mais do que deixar morrer. Em qualquer ponto desse continuum, no qual intencionalmente se encorajam milhões de pessoas à exposição a um vírus mortal, encontra-se o atributo de regulação e distribuição da morte como exercício de poder, que Achille Mbembe designou como necropolítica (ou política da morte). (ABRASCO, 2022, p. 256).

A vacinação da população quilombola contra a COVID-19 é uma questão complexa, que destaca a importância do reconhecimento identitário desta população, porém revela questões estruturais que dificultam o processo de vacinação. As questões abordadas levantam a complexidade dos elementos relacionados à garantia dos direitos à saúde e à vida da população quilombola, reforçando a tese de Almeida (2019), de que o racismo no Brasil está intrinsecamente ligado à política e à economia, resultando em impactos prejudiciais para a sociedade. Nas comunidades quilombolas que ainda não obtiveram a titulação oficial, essas questões podem se intensificar, gerando tensões adicionais devido à necessidade de comprovação da identidade quilombola perante o Estado brasileiro. O objetivo principal da produção audiovisual foi documentar e, acima de tudo, dar visibilidade a essas questões, usando a vacinação contra a COVID-19 como um exemplo ilustrativo desses processos. A escolha da comunidade quilombola de Morro Alto, presente entre os municípios de Maquiné-Osório, se deu por ser um dos maiores quilombos do Rio Grande do Sul, ainda não titulado, ilustrativo das situações envolvendo as dificuldades de reconhecimento da identidade quilombola para a vacinação.

A escolha de realizar um documentário para o registro dessa situação se deu pela potencialidade que uma produção audiovisual tem de captar sentimentos e emoções, aliada ao desafio do uso de imagens na pesquisa científica. Trazer a sensibilidade do registro de falas, olhares, expressões e também do subjetivo, foi fundamental para a construção deste material e também para a relação da equipe com a comunidade quilombola de Morro Alto, sendo assim objeto de conhecimento e transformação. O racismo, preconceitos e estigmas são abstratos e a provocação da transformação dificilmente passa pela leitura de textos científicos. É pela relação com as Artes que esse tipo de problemática tem a potencialidade de provocar mudanças como ação política e como educação em saúde, se tratando de um dispositivo pedagógico antirracista.

O Sanitarista é um analista da realidade, que o faz para pensar ações e políticas. Nesse sentido, as imagens são um meio de dar visualidade à realidade.

## **2 OBJETIVO**

Registrar o processo de produção do documentário “Eu, nós... ELAS Quilombolas” com a finalidade de analisar a experiência com o uso das imagens na sua relação com a ciência.

## **3 METODOLOGIA**

O processo de construção do documentário foi iniciado em agosto de 2021, com término em novembro de 2022. Partiu de uma revisão narrativa, um estado da arte sobre os temas centrais do projeto, o acompanhamento dos casos de Covid-19 em áreas de quilombos rurais do RS, a formação da equipe, a escolha do Quilombo e dos interlocutores para as entrevistas (quilombolas, gestores e profissionais de saúde).

Eu ingressei no projeto na parte de formação da equipe, enquanto graduando de Saúde Coletiva e produtor audiovisual, para trabalhar especificamente com a filmagem, montagem e edição do documentário. Participei da construção do roteiro de entrevistas, da pré-produção, produção, pós-produção e divulgação.

O relato de experiência foi realizado através de um registro em áudio, gravado no estúdio de Podcast do Napead (Núcleo de Produção Multimídia para Educação) da UFRGS, em uma conversa sobre a produção do documentário com a minha orientadora Tatiana Engel Gerhardt. Esse registro se configura como parte então do trabalho de conclusão de curso, com a expectativa de poder olhar para essa experiência e analisá-la na sua relação com o uso das imagens e essa produção científica.

## **4 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO *EU, NÓS... ELAS QUILOMBOLAS***

O desenvolvimento do registro aqui apresentado retoma o que aconteceu durante todo o processo de produção do documentário e se constitui quase que como um diário de filmagem, problematizando as relações pesquisador e campo de pesquisa através dos desafios apresentados, transformando-se assim em um aspecto crucial da produção de conhecimento e complementando o próprio documentário em si, que também foi objeto de produção de um artigo científico.

### **4.1 UMA IDEIA NA CABEÇA**

A ideia de realizar o documentário “Eu, nós... Elas Quilombolas”, sobre a vacinação contra COVID-19 na população quilombola de Morro Alto-RS, surge da conjunção de pelo menos duas situações: estarmos vivenciando a maior crise sanitária, econômica e política do Brasil, que nos desencadeou o compromisso e a responsabilidade ético-política de registrar esse momento, muito motivado pela integração da minha orientadora, Tatiana Engel Gerhardt, e de Jaqueline Oliveira Soares, membros da equipe, no GT “Racismo e Saúde”, da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), pelo acompanhamento feito pela Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), importante exemplo de movimento social organizado no enfrentamento à pandemia, ao racismo e à necropolítica. Ao mesmo tempo, por um projeto de pesquisa em andamento que foca nas adversidades no território rural e o cuidado na saúde, onde, a partir de uma bolsa de iniciação científica, estava se refletindo sobre o processo de vacinação contra COVID-19, particularmente nas populações quilombolas.

Partiu-se então para a problematização da situação, buscando refletir sobre a naturalização da pandemia e, sobretudo, da gravidade da falta de respostas adequadas, o que estava resultando na morte de populações vulnerabilizadas em um país tão desigual e injusto, e a sua não-gestão e toda sua complexidade. Nessa problematização, foi visto que a falta de informações e dados, naquele momento da pandemia, levou as próprias comunidades quilombolas a se responsabilizar pelo mapeamento, tanto do número de casos confirmados e suspeitos em seus territórios, quanto da própria identificação de quem seriam as pessoas a serem vacinadas pela lista de prioridades do Ministério da Saúde. Um passo importante no

reconhecimento identitário dessa população, mas que também revelou questões estruturais que prejudicaram e dificultaram o processo de vacinação.

Imersos nessa realidade e atentos a essa problemática, onde a invisibilidade marcou os processos de tomada de decisão (ou falta de tomadas de decisão), o grupo de pesquisa foi buscar na produção audiovisual, para além do registro desse contexto, a possibilidade do desenvolvimento de um dispositivo pedagógico capaz de abordar a ausência do Estado, a necropolítica, o racismo estrutural e institucional, o privilégio e o direito que afetam as populações quilombolas e todas as demais populações invisibilizadas e vulnerabilizadas. O objetivo então, dessa produção audiovisual, foi registrar e documentar, mas fundamentalmente dar visibilidade para essas questões, tendo a vacinação contra COVID-19 como ilustração desses processos que buscaram explorar e analisar os enfrentamentos das adversidades, vulnerabilidades, desigualdades e iniquidades que foram pautadas no racismo estrutural às quais essa população está submetida historicamente.

Com essas premissas postas, se buscou constituir um grupo, uma equipe de trabalho, que pudesse produzir esse documentário. Inspirados e ao mesmo tempo desafiados pelos usos da imagem na pesquisa científica, associando ciência e arte, razão e emoção, e produzindo um caminho metodológico a partir do método de produção audiovisual, foi-se entrelaçando também a referência estética de algumas linhas de captação das imagens a partir de Eduardo Coutinho (o documentário como escuta sensível da alteridade em LINS, 2004 e COUTINHO, 1997) com referências teóricas da sociologia da imagem (produção de encontros de saberes interepistêmicos e interculturais, metodologias colaborativas de Cusicanque, 2015 e Landa, 2022), da antropologia e imagem (SOUZA, 2020, FERRAZ, 2022, DINIZ, 2008), para que se pudesse construir essa produção audiovisual.

## **4.2 A CONSTRUÇÃO DO GRUPO**

Nessas diferentes etapas de construção, era importante a constituição de uma equipe com pessoas técnicas, relacionadas à produção audiovisual, mas também com uma parte acadêmica, de uma produção científica engajada, implicada com a temática e, claro, preferencialmente, que tivesse pessoas negras e quilombolas compondo a equipe, o que certamente fez toda a diferença no processo de produção do documentário.

Partimos então de uma produção com 11 pessoas no início, que ou não se conheciam, ou pelo menos nunca tinham trabalhado juntas, mas todas com um desejo grande e um engajamento de fazer o melhor possível, de trabalhar o “fazer o documentário” como um

dispositivo antirracista. Nesse sentido, não foi então só um fazer. Foi um ser, um sentir, que foi capaz de em poucos dias ter uma entrega de produção com muitas trocas e transformações entre todos da equipe, e também entre a equipe e as mulheres que foram protagonistas deste documentário.

Antes de falar sobre a produção do documentário, ainda sinto a necessidade de falar sobre quando entrei efetivamente no grupo e do contexto daquele momento e da pandemia de COVID-19. Recordo que a Tatiana marcou uma reunião comigo, conversamos e ela me explicou o projeto, o desejo de que se transformasse em um produto audiovisual e da ideia de constituir uma equipe com a sensibilidade necessária para lidar com essa temática, que tivesse interesse e capacidade para refletir acerca das problemáticas e traduzir isso em imagens. No meu caso, um sanitarista em formação, com habilidades para trabalhar com a produção audiovisual, desenvolvidas desde os primeiros meses nesta Universidade, através do nosso trabalho (meu e da Tatiana) na Iniciação Científica, em 2015, e, posteriormente, no meu campo profissional.

Nas discussões iniciais que tivemos sobre o roteiro, o foco estava na vacinação contra a COVID-19 na comunidade de Morro Alto-RS e como essas mulheres da comunidade se organizaram para que a vacinação tivesse o sucesso que teve, com todos imunizados, além de compreender como a 18ª Coordenadoria de Saúde, a qual Morro Alto pertence, executou essa vacinação. A partir disso, então, fomos montando a equipe, discutindo quantas pessoas a gente precisaria para conseguir fazer esse curta-metragem, quais habilidades elas deveriam ter e quem deveria fazer o quê.

A formação da equipe foi um momento crucial desta etapa, pela possibilidade concreta de construir uma realização do audiovisual experimentando o encontro intercultural desde a equipe, a partir da paridade de gênero e raça/cor/etnia, composta por pesquisadoras mulheres (3 negras, sendo 1 quilombola, e 3 brancas, de diferentes níveis de formação (IC, mestradas e doutorandas), de áreas de conhecimento diversas - antropologia, saúde coletiva, desenvolvimento rural, todas trabalhando com o tema das mulheres quilombolas e indígenas, e de técnicos, 4 homens (2 negros e 2 brancos) e 1 mulher branca (distribuidor e curador cinematográfico, produtores audiovisuais, fotógrafo, designer gráfico, editor de som, ilustradores).(GERHARDT *et al.*, 2024, p. 9)



### 4.3 A PRÉ-PRODUÇÃO E O EXERCÍCIO DO PENSAR

Nessa época da pré-produção, em janeiro de 2022, ainda estávamos em distanciamento social. As nossas reuniões e primeiros encontros, naquele momento, ainda para nos conhecermos enquanto equipe e entendermos melhor o projeto e seus objetivos, foram à distância. Dessa mesma maneira foram feitas a construção e passagem do roteiro. Fizemos esse processo com as mulheres quilombolas também, apresentando todo o projeto remotamente para ver se elas aceitariam, se achavam importante e como poderiam contribuir (inclusive para o roteiro). Fomos apresentando as ideias e elas foram sugerindo questões, assim como com as profissionais de saúde e com as gestoras em saúde do nível regional e local. A ideia de envolver um leque de atores que pudessem falar sobre a mesma situação, de perspectivas distintas, foi muito importante naquele momento.

Após essas reuniões entre a equipe nos dividimos em 2 grupos: as pessoas da academia, que já estavam inseridas na pesquisa científica, ficaram responsáveis pela construção do roteiro, e a equipe técnica ficou responsável por pensar esse roteiro através das imagens e de quais equipamentos seriam necessários para a realização do curta-metragem.

Foram muito importantes as pré-entrevistas que foram realizadas pela equipe de roteiristas com as mulheres quilombolas, com as gestoras e profissionais de saúde. Foram pré-entrevistas completas, com uma ideia de roteiro já construída, em que o foco era olhar para a vacinação e que, cada uma delas, do seu lugar de fala e perspectiva, trouxesse as informações de como tinha se dado esse processo. Não só ela na sua execução, no dia da vacina chegando no braço, mas todo o preparo que exigiu de cada uma delas para que esse dia chegasse e acontecesse.

No início das discussões falávamos muito sobre “as listas” e “os braços”, foi o ponto de partida dessa história, a partir do que tínhamos conhecimento do que essas mulheres haviam feito: uma lista com os nomes de pessoas quilombolas aptas a receberem as doses de vacina e que tinham se responsabilizado pela construção dessa lista. Mas a partir disso, houve uma problematização de pessoas que já não moravam no quilombo, que precisavam sair para trabalhar em outras cidades/estados e que por conta disso tinham perdido esse direito à vacinação na comunidade de Morro Alto. Essa era a principal questão que eu e a Tatiana discutimos nas primeiras conversas. A partir disso foram se desencadeando várias questões, como “o que era ser quilombola” e como, justamente, os pontos de vista são distintos em relação a isso, a depender do lugar que as pessoas estavam ocupando naquele momento.

Com uma equipe minimamente estruturada, avançamos na construção desse roteiro junto com os atores envolvidos. Tínhamos um pequeno recurso, que não era muito, e precisávamos fazer com que ele fosse o suficiente para essa produção. Concentrar, então, a captação das imagens, num conjunto de dias seguidos sem poder fazer idas e vindas ao território.

Realizamos apenas uma visita prévia ao quilombo, a qual eu não pude estar presente por estar positivado para COVID-19. Por medidas básicas de segurança, para não levar COVID-19 ao quilombo, a equipe inteira realizou o teste no dia anterior a esta visita, que serviria para conhecermos o território, avaliar possíveis locações, pontos que seriam interessantes apresentar no curta-metragem e também conhecermos pessoalmente a líder dessa comunidade quilombola, a professora Elizabete. Essa visita era importante para visualizarmos o espaço que a equipe circularia, questões como a iluminação natural e a quantidade necessária de luz artificial que deveríamos levar, assim como quais equipamentos de filmagem. Um olhar para pensar se seria possível gravar e fazer esses registros nas casas das pessoas ou na associação comunitária Rosa Marques Osório ou em outros espaços da comunidade. Não só para isso, mas também para conhecermos diretamente essas mulheres em seu território, o foco central da produção.

Depois dessa visita, fizemos então reuniões da equipe técnica para discutir as impressões que a equipe havia tido e o levantamento de ideias e necessidades. O Gustavo Maluf, nosso técnico de áudio, falou sobre a beleza do da comunidade de Faxinal, conhecida como “Quilombinho”, um local muito humilde em que várias famílias moravam e que era muito bonito, com diversas flores e cheio de vida. Que isso para a imagem visual do documentário seria muito interessante. Na época ainda estávamos pensando em um local centralizado para realizarmos as entrevistas com a maioria dessas mulheres e este local chegou a ser cogitado.

A ideia inicial era utilizarmos um final de semana para gravar todo o curta, mas a partir dessa visita, entendemos ser praticamente impossível entrevistarmos todas essas mulheres quilombolas, as gestoras e as profissionais de saúde. Fizemos então a logística de produção a partir do recurso disponível. É importante citar a questão do recurso financeiro, pois é a partir dele que houve a definição de quantos dias poderíamos ficar no território a partir do valor necessário para custear hospedagem, alimentação e gasolina para a equipe. Com esse cálculo em mãos, consensuamos realizar a captação das imagens em quatro dias de gravações: de 31/03/2022 à 03/04/2022. Nessas datas conseguimos conciliar a agenda de todas as pessoas pesquisadoras acadêmicas e técnicas para a produção exclusiva desse registro.

Foi um grande desafio lidar com as limitações do recurso. Podemos pensar que o montante desse recurso era grande em relação ao que se tem disponível normalmente na

Universidade, mas ele foi extremamente limitado em se tratando de uma produção audiovisual. Acabamos utilizando equipamentos da Universidade naquilo que era possível, mas tivemos um bom aporte de equipamentos do Shandler Guterres, que é um profissional audiovisual, que usou seu próprio equipamento e que tem uma qualidade de imagem superior. As tomadas de drone, inclusive, fazem parte desse equipamento do Shandler. O recurso era bem finito, deu para poucas coisas, então o engajamento e sensibilidade das pessoas que fizeram parte dessa equipe foram fundamentais.

Nós utilizamos, por exemplo, muitas imagens aéreas realizadas pelo drone e que conseguem nos dar o tamanho do território em determinados momentos, sua extensão, como ele é formado entre a natureza, a distâncias das residências. Já a câmera do Shandler, acaba sendo a câmera principal do documentário. A maioria dos takes escolhidos na versão final do filme são dessa câmera, por ter uma qualidade superior de imagem, mas muito também pela sensibilidade dele e pelo conhecimento técnico de enquadramento, de utilização desses equipamentos. O Shandler é um ator muito importante na construção desse documentário.

Mostrar as dimensões e a extensão do quilombo de Morro Alto sempre se apresentou como um grande desafio para nós. Por isso a importância da pré-visita para nos permitir fazer essas escolhas e definir melhor o que deveria ser feito naqueles quatro dias de produção, como eles deveriam acontecer e de que forma poderíamos retratar a diversidade desse espaço, presente em dois municípios (Osório e Maquiné), e essa identidade atrelada a ele.

Agora é importante falar do Jéferson Silva, que trabalhou com a produção do documentário: o planejamento da viagem, cronograma de trabalho, horário das gravações, de descanso, a locação dessas residências em que a equipe ficou alocada, organização do set de filmagem, tempo necessário para montagem e desmontagem dos equipamentos no set. Foi fundamental para a organização da equipe e do fluxo de trabalho. As Figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 mostram *screenshots* da reunião que fizemos *online* para apresentação da equipe e discussão inicial do projeto.

Figura 1 - Tatiana Engel Gerhardt



Figura 2 - Ricardo Lubisco



Figura 3 - Jaqueline Oliveira



Figura 4 - Natália Bristot Migon



Figura 5 - Gustavo Maluf



Figura 6 - Joseane dos Santos



Figura 7 - Joana Eschiletti



Figura 8 - Jéferson Silva



Figura 9 - Shandler Guterres



Figura 10 - Rosemeri Madrid



#### 4.4 A EXPERIÊNCIA ÚNICA DO TRABALHO DE CAMPO

Marcamos a data, juntamos a equipe e partimos para Osório. A equipe ficou alocada em duas residências: uma para o núcleo acadêmico e outra para o núcleo técnico, o que acabou sendo uma ótima escolha, pois sempre após os dias de gravação nos reunimos e discutimos o dia de filmagens, sobre o trabalho realizado e o planejamento para os dias seguintes. E a equipe do roteiro, da mesma forma, discutia como lançar questões ou até mesmo questões que não estavam previstas e poderiam ser realizadas. A ideia era de um roteiro semiestruturado, ou um guia de entrevistas: deixar as questões surgirem ao longo das entrevistas. Isso segue um pouco a ideia do que acontece nos filmes etnográficos, na própria pesquisa etnográfica, que é essa fluidez do processo. Porque estamos trabalhando em interrelação com as pessoas. Dar essa flexibilidade para o roteiro foi essencial. Ele foi se construindo e se reconstruindo nesses quatro dias de gravação, que foram bastante extensos em número de horas de trabalho, pois iniciávamos às 8h da manhã e finalizávamos às 20h.

A realidade dessa produção nos moldou enquanto indivíduos, enquanto pessoas que estávamos lá, com uma ideia pré concebida. Fomos vivenciando em um período de quatro dias e desenvolvendo essa vivência nas singularidades das filmagens. Isso é algo muito verdadeiro. Dificilmente conseguiríamos retratar ou registrar aquela realidade se partíssemos de um roteiro rígido.

Nas pré-entrevistas, quando levantamos questões com as profissionais de saúde, surgiram grandes dificuldades de responder a uma questão primordial para nós, que era como que elas explicaram para população que havia uma lista de prioridades e que a população quilombola era prioritária. E num primeiro momento, nas pré-entrevistas, elas haviam dito que a população quilombola tinha esse privilégio e que assim o teriam assegurado pelo Ministério da Saúde. E quando redimensionamos isso para elas, de que não era privilégio e sim garantia de um direito, elas se reposicionaram na gravação com uma fala ensaiada e dura para a resposta dessa pergunta. Isso tirou a espontaneidade e talvez aquilo que elas realmente gostariam de ter falado, até por pressão de chefias dentro do processo local.

Partimos então para Maquiné/Osório e fomos direto para a 18ª Coordenadoria Regional de Saúde fazer a entrevista com a Fernanda Oliveira, responsável pela Atenção Primária. Nós não conhecíamos o espaço de filmagem, e quando chegamos, encontramos um local de trabalho com cara de escritório. Começamos a montar os equipamentos e toda a equipe estava presente na gravação, que durou cerca de 1h. Fomos construindo o cenário naquele momento, naquela hora. Shandler, nosso diretor de fotografia, decide fazer uma captação clássica de entrevista.



Como era um espaço fechado, montamos o cenário próximo da janela que nos trazia luz natural. A câmera principal, com a melhor tecnologia, que nos traria uma imagem mais interessante, não ficou frontal e sim lateralizada em plano médio, para que pudéssemos enquadrar a personagem e também revelar um pouco do ambiente dessa gravação. Já a segunda câmera, com uma tecnologia um pouco inferior, decidimos utilizar em formato de *close up*, para registrar a emoção das personagens a partir de suas expressões faciais e corporais. Queríamos poder captar como essas pessoas se expressariam com seu corpo durante a entrevista.

A entrada em cena do dispositivo de Eduardo Coutinho ao filmar os rostos em plano fechado em uma câmera, plano médio em outra câmera e plano aberto na terceira câmera (incluindo a equipe de produção), promoveu interações potentes que permitiram expressar o corpo-território mulher quilombola e as territorialidades, preservando a força expressiva da imagem (Lins, 2004, p. 13). As interações com e pela câmera, proporcionam para as mulheres quilombolas momentos de reencontro com a história e com a ancestralidade; para as profissionais de saúde e gestoras, momentos de desconforto, de reviravolta, de interpelação da condição do colonizador e a reprodução da matriz social de poder racializada e patriarcal; para a equipe de produção, momentos de interpelação da alteridade, da colonialidade do ser, do ver, do saber; para todos, momentos de fazer da diferença, processos de troca e aprendizagem. Nós fomos para falar sobre o processo de vacinação (equipe, profissionais e gestoras), elas (as mulheres quilombolas) vieram para falar sobre quem eram, sobre seus corpos-território. (GERHARDT *et al.*, 2024, p.11)

Como aponta Débora Diniz, *diferentemente de outras narrativas visuais, em que o roteiro determina as gravações, no filme etnográfico, os participantes reconstróem continuamente qualquer proposta de pré-roteiro. Essa, na verdade, é também a riqueza do método etnográfico*<sup>15</sup> (p. 419). Assumir essa perspectiva configura o engajamento e implicação da equipe em ofertar uma narrativa a partir da perspectiva de quem sempre foi invisibilizado e silenciado: *assumir que não há neutralidade na construção da narrativa é afirmar que toda narrativa representa um ponto de vista sobre os fenômenos sociais, sendo, portanto, uma narrativa ética e estética sobre o que é filmado*<sup>15</sup> (Diniz, 2008, p. 419). (GERHARDT *et al.*, 2024, p.12)

Por ser a primeira gravação, havia uma tensão enorme para que nada desse errado tecnicamente. A responsabilidade de executar a gravação desta entrevista, que durou cerca de 1h, pesou sobre os nossos ombros porque nós não tínhamos outra oportunidade para gravar. O documentário não é uma obra de ficção, não há a possibilidade de reproduzir uma fala, uma sensação, uma emoção. É o registro do que aconteceu naquele exato momento. E foi um desafio

enorme, tenso, e o silêncio, que naturalmente existe em uma produção audiovisual, foi possível de sentir no momento. Era um planejamento de 3 meses que estávamos colocando em prática.

Deixamos a Fernanda bem à vontade para falar o que achasse necessário sobre todo o processo de planejamento e organização da vacinação contra a COVID-19 na população quilombola da 18ª Coordenadoria Regional de Saúde. Foram feitos *takes* complementares do trabalho da Fernanda e *takes* de drone da região, da Coordenadoria de Saúde, etc. Como foi o primeiro momento de gravação e esse espaço não havia sido explorado na pré-visita, foi tudo construído naquele momento e estávamos tensos por isso. Não precisamos regravar nada e nem pausas foram feitas. Todos estávamos em sintonia e querendo muito que houvesse aquele registro. Nas Figuras 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 17 vemos registros dos bastidores das filmagens na 18ª Coordenadoria Regional de Saúde do Rio Grande do Sul.

Figura 11 - Shandler, Ricardo e Gustavo configurando equipamento de gravação



Figura 12 - Fernanda Oliveira, responsável pela Atenção Primária da 18ª Coordenadoria Regional de Saúde do RS



Figura 13 - Bastidores do set de gravação



Figura 14 - Composição das entrevistadoras em um momento de gravação



Figura 15 - Eu, configurando a câmera para a gravação



Figura 16 - Movimentação em frente a 18ª CRS para a gravação de takes com a Fernanda





Figura 17 - Shandler captando detalhes da Fernanda em frente a 18ª CRS



Quando acabaram as gravações na Coordenadoria, fomos fazer a captação de algumas imagens externas do território. Em Maquiné e Osório tem muito campo, muita fazenda, então fizemos algumas captações para mostrar a amplitude do lugar. Acabamos indo para um local perto da Associação Rosa Marques, onde fica a Figueira, personagem central na nossa história.

Foi um local que despertou muita emoção em mim, em um final de tarde, tentar captar um pouco da essência, da amplitude e tranquilidade que o lugar passava. O sol estava se pondo, um clima bucólico, uma luz natural de final de tarde bem *bergniana*. Enquanto o Shandler fazia imagens de drone, eu utilizava a câmera em um tripé e fazia algumas filmagens do local. É nesse momento que há o registro da cena em que um bando de pássaros está voando, da Figueira, dos Morros e da Igreja.

As pesquisas realizadas previamente haviam nos apontado que um dos elementos não humanos que unia essa comunidade quilombola era uma Figueira centenária, debaixo da qual as pessoas quilombolas costumavam se reunir para discutir questões de interesse comum. O fato delas terem sido vacinadas prioritariamente por serem quilombolas gerou uma emoção enorme e isso nos foi trazido através de falas dessas mulheres. A emoção aflorou em Dona

Edite, por exemplo, personagem que iremos entrevistar no dia seguinte, e que chora copiosamente enquanto diz que se orgulha de ser quilombola, porque a vacinação prioritária era resultado de algo que estava lá na Figueira, na sua luta e ancestralidade. Quando ela faz essa fala e essa ligação com a Figueira, surge para nós essa relação entre a produção científica e o audiovisual e como essa relação conversa a partir das imagens. Foi um momento importante de conversão e entendimento dessa equipe, em que as pessoas ainda estavam se conhecendo, que nunca haviam trabalhado juntas, para fazer a captação dessas imagens que acabaram sendo bem importantes na montagem do filme. Essa fala da Dona Edite, vai gerar, inclusive, nas reuniões posteriores que fizemos na pós-produção, quando estávamos discutindo o roteiro da montagem, a ideia da ilustração com o coração gerando as raízes dessa população que se expressa na Figueira. A ideia surge da Natália Migon, pesquisadora, e é discutida e ampliada com a equipe de produção e com a Natália Gregorini, artista visual, que se insere na equipe de produção para trabalharmos, ainda por meio de imagens (mas no caso ilustrações e animação em movimento), a aproximação com a epistemologia quilombola, suas relações entre corpo-territórios-terra, entre raízes, ancestralidade, resistência e futuro (GERHARDT *et al.*, 2024, p.17). Nas Figuras 18, 19 e 20 podemos ver algumas imagens do momento em que fomos realizar a captação das imagens da Figueira e do seu entorno.

Figura 18 - Descarregando o carro para captar imagens da região



Figura 19 - Figueira centenária, personagem central do documentário



Figura 20 - Igreja localizada ao lado do Ribeirão Futebol Clube, local onde está situada a Figueira



No segundo dia fomos para Maquiné para conversar com todas as profissionais de saúde do município, previamente entrevistadas nas pré-entrevistas de construção do roteiro, personagens importantes da vacinação da população quilombola de Morro Alto. Vamos então para a Secretaria de Saúde do município, um pouco mais inteirados enquanto equipe, já sabendo mais ou menos o que queríamos fazer em termos de captação visual e com um cronograma muito apertado. A lembrança que eu tenho desse segundo dia de entrevista com as profissionais de saúde é que tínhamos muitas pessoas para entrevistar e precisávamos dar conta dessas gravações, ou seja, correr para conseguir registrar o necessário de acordo com o nosso diário de filmagem.

O processo de montagem de set precisava ser rápido, o que geralmente é demorado em uma equipe pequena. Porque é preciso descarregar os equipamentos, abrir, montar, fazer os estudos pra ver onde seria o enquadramento, como estava a luz. Nesse momento em particular faríamos filmagens externas para as entrevistas. Uma decisão estética e funcional, porque o

ambiente dentro da Unidade de Saúde era um espaço pequeno, que estava em funcionamento e seria muito complicado realizar as entrevistas ali. E do lado de fora havia um enquadramento interessante, ia passar para o espectador essa sensação da localidade, com a fachada pintada de verde aparecendo, numa rua pacata. Então decidimos fazer as filmagens na frente da unidade de saúde. Montamos uma cadeira e os equipamentos ali. A equipe em conversa decidiu que manteríamos o padrão da filmagem do dia anterior, com a câmera mais lateral em plano médio sendo a principal para mostrar as personagens.

No documentário é possível perceber que utilizamos quase sempre esse enquadramento mais lateral, feito pelo Shandler, e que captou a essência dessas protagonistas de uma maneira criativa ao mesmo tempo em que nos dava pistas sobre o ambiente em que estávamos filmando. Essa escolha, como já dito anteriormente, aconteceu pela qualidade desse equipamento em contraste com a outra câmera que pegamos emprestado da Universidade. E essa câmera da universidade, essa câmera frontal em *close up*, tinha a intenção de dar ênfase na expressão das entrevistadas e principalmente captar a profundidade e a sensibilidade do olhar, deixar o rosto preenchendo quase a tela inteira.

Ainda tínhamos uma terceira câmera disponível, que o Gustavo Maluf, técnico de som levou para o set e que acabamos utilizando como câmera de bastidores. Ela estava posicionada para filmar e gravar o áudio das pesquisadoras realizando a entrevista e registrar um pouco desse processo. Utilizar como um olhar curioso sobre a produção e quebrar uma barreira entre produção e espectador, algo muito presente em documentários e que tem grande inspiração no cinema de Eduardo Coutinho.

[...] no documentário, quando comecei a fazer, e até hoje muita gente toma esse partido, as pessoas filmavam em geral só com um microfone, o do interlocutor. Isso mostra que essas pessoas que filmavam documentários pretendiam, no filme, dar a aparência de que só havia uma fala do interlocutor, sem ser provocado, por isso não precisava de um microfone para o diretor, que é o questionador. Acho isso absurdo porque o único interesse do filme documentário que trabalha com som direto, com pessoas vivas, não com natureza morta, é um diálogo, e esse diálogo tem que estar presente no filme. Não que ele tenha que ter a todo momento as perguntas. As perguntas são essenciais como demonstrativos de uma voz que vem de fora, é algo que provoca e que gera um confronto. (COUTINHO, 1997)

As entrevistas com as profissionais de saúde foram mais duras. Elas já vieram preparadas para responder às questões (porque já havíamos realizado as entrevistas remotas na

pré-produção) de forma bem objetiva e direta, assim como aparece no documentário. Aparentemente houve alguns tensionamentos não somente entre elas, mas com a Secretaria de Saúde, diante do que elas falariam sobre o que realmente aconteceu no processo de vacinação. Então isso tornou o trabalho um pouco mais difícil para nós que buscávamos um pouco mais de espontaneidade. Não era somente buscar com a câmera contextualizar como as coisas aconteceram, mas que as falas delas pudessem trazer de forma espontânea, o que de fato não aconteceu. As falas foram mais sintéticas, quase ensaiadas. Então do ponto de vista técnico, foi um dia duro. Produtivo, mas duro e que não absorvemos muito dessa emoção, da sensibilidade, porque ela de fato não existiu.

Nessa mesma manhã ainda fizemos imagens de drone, da Catiane (que trabalhava na Unidade de Saúde) na frente da unidade, andando na rua, do cotidiano de uma maneira geral. Fora o envolvimento que precisamos ter com as pessoas por estarmos filmando em um local público e que chama a atenção, de explicar o que a gente está fazendo, de conversar sobre o projeto, sobre o que a gente precisa para fazer a filmagem. Tudo isso leva muito tempo. Tivemos que interromper as gravações para um caminhão passar na rua, por um barulho de máquina na rua ao lado, algumas pessoas curiosas que se aproximavam e perguntavam o que estava acontecendo, a luz solar que nos iluminava e mudava de posição, além do calor por estar embaixo do sol em um dia muito quente. As Figuras 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28 mostram bastidores das gravações na Unidade Básica de Saúde de Maquiné, onde foram entrevistadas as profissionais de saúde.

Figura 21 - Catiani sentada em frente a UBS - Maquiné





Figura 22 - Fachada da UBS - Maquiné



Figura 23 - Bastidores da montagem de set para gravação na UBS - Maquiné



Figura 24 - Testes de enquadramento e luz para gravação na UBS - Maquiné



Figura 25 - Tapando a incidência de luz no visor da câmera para enxergar o enquadramento e ajustar as configurações



Figura 26 - Gravações paralisadas para passagem de um caminhão na rua



Figura 27 - Perspectiva das entrevistadoras em meio as gravações



Figura 28 - Shandler gravando cenas da Catiani em ruas próximas da UBS - Maquiné



À tarde fomos para a Prainha, para conversar com a Sônia e com a filha dela Maísa, um momento ímpar no filme. O momento central, eu diria. A Maísa foi a responsável por digitalizar as listas que essas mulheres quilombolas fizeram à mão. Ela tinha 19 anos na época.

Primeiro conversamos com a Sônia, fomos recebidos na casa delas, uma casa linda com um grande espaço externo, com grama, as roupas estendidas no varal ao vento, que tem uma garagem aberta na entrada. Batemos o olho e pensamos que a filmagem deveria ser ali. Porque

o tempo estava fechando e precisávamos de um local coberto (e aberto ao mesmo tempo). Elas têm um quintal lindo, mas prezamos por fazer nessa garagem que era na entrada da casa. Discutimos enquanto equipe antes de fazer a montagem sobre qual lugar seria ideal para fazer por questões de iluminação, como a luz incidia em determinado momento, se poderia chover ou não, se o som ficaria melhor dentro dessa garagem ou no quintal. A casa delas é uma casa “isolada” do restante das nossas entrevistas, da comunidade, um lugar muito bonito e a gente aproveitou pra fazer *takes* de drone e da lagoa que tem ali. Tem um *take* lindo que eu gosto muito, filmando de cima para baixo, vindo da lagoa e que mostra a água de repente se transformando em terra e um pouco das casas da localidade.

Sônia, também mulher quilombola e protagonista do filme, uma mulher bem direta e precisa na sua fala, sem muitos devaneios e reflexões, nos contava sobre o que havia acontecido. Na sequência entrevistamos a Maísa, filha dela, e a gente tem um dos momentos mais emocionantes do nosso documentário, da nossa experiência enquanto equipe, que é quando é feita uma pergunta sobre como ela se via nessa grande família quilombola depois dessa experiência toda. É um momento que ela não consegue responder, pede uma pausa, diz que está muito nervosa e fica quietinha refletindo e chorando. Nós, enquanto equipe, chegamos a conclusão que ela se deu conta naquele exato momento que ela fazia parte de algo muito maior do que ela imaginava e de como essa experiência a havia transformado. E isso é algo que não tinha como estar dentro de algum roteiro, não tinha como ser planejado. É um momento único de relação entre equipe e entrevistada. A sensibilidade no ar naquele momento foi incrível. Claro, estávamos preocupados com a questão de captação de vídeo e áudio, concentrados, mas quando surge esse momento em que se faz esse silêncio, que se entra em um consenso indireto sobre o que está acontecendo, é algo mágico nessa produção que pudemos experienciar e vivenciar. Ao mesmo tempo que ela vai falando que vai produzindo a lista, que ela vai conhecendo e descobrindo um pouco dessa história de ser quilombola. “que o fulano é quilombola”, “que o ciclano é quilombola”. E quando a Tatiana pergunta se ela se deu conta de que ao produzir essa lista ela estava salvando a vida de muita gente, ela não entende bem. E a Rose na sequência refaz essa pergunta, colocando o quanto que ela também se descobriu fazendo parte dessa grande família (quilombola). Nesse momento ela para e se dá conta, que não só ajudou a salvar, mas que também é quilombola. Isso desencadeia em nós também como conduzir as perguntas e entrevistas do dia seguinte, que seriam com as mulheres quilombolas na associação: puxar muito mais por essa questão da identidade, antes de falar sobre o processo de vacinação propriamente com essas mulheres quilombolas no dia seguinte, foi o que nos levou a muitas conversas na pós gravação naquela noite. Foi um grande divisor de águas. Nas Figuras



29, 30, 31, 32 e 33 vemos bastidores das gravações na Prainha, local de residência da Sônia e da Maísa.

Figura 29 - Em direção da casa da Sônia e da Maísa, um local mais isolado



Figura 30 - Ao fundo, Maísa e seu pai conversando em frente à casa



Figura 31 - Vista da casa da Sônia e da Maísa: uma imensidão azul entre o céu e a lagoa



Figura 32 - Bastidores da gravação com a Sônia



Figura 33 - Maísa pede uma pausa nas gravações para refletir, momento de muita emoção do documentário



Nesse mesmo dia, após a entrevista com a Sônia e a Maísa, fomos entrevistar a Agente Comunitária de Saúde que trouxe questões importantes também. É uma participação pequena, mas ela traz comentários e questionamentos da comunidade de Maquiné sobre a prioridade da população quilombola na prioridade de vacinação, que implicam em um racismo velado. Essa fala vai culminar nas falas da professora Elizabete, no dia seguinte.

No final do dia, com a equipe exausta e quase anoitecendo, a gente conversa com a Dona Edite. Chegamos na casa dela, que era isolada também do restante da comunidade, e somos recebidos por essa senhora com um brilho nos olhos, sorriso no rosto e uma casa simples. A minha impressão ao entrar naquela casa é que tinha o trabalho de muitas gerações, que tinha muita vida ao redor daquele terreno, uma energia maravilhosa. Montamos o set de filmagem dentro da casa, pra filmar ela no seu espaço, na sala da casa dela, com a porta aberta para o quintal, com os gatos na volta, com o barulho da estrada ao fundo. Captamos toda aquela emoção, inclusive a fala dela do orgulho de ser quilombola e da história da figueira, dos seus antepassados, uma parte da história da vida daquela senhora que compartilhou conosco um momento tão bonito. De uma figueira que marca a memória, a afetividade, a luta, relação de não separabilidade de sociedade e natureza, ao contrário. A relação entre humanos e não

humanos, primordial através da Figueira, que registra essa ancestralidade pela memória que ela representa.

As falas foram tão profundas e densas, que não à toa ocuparam um lugar extremamente importante do documentário. A fala da Dona Edite, da Maísa, da Sonia, gerou na equipe técnica o questionamento de que a gente deveria intervir no dia seguinte no processo de entrevistas. Percebemos que estavam surgindo questões que fugiam ao alcance do roteiro e do tema central da vacinação. Lembro que chegamos em casa nesse dia a noite, tomamos banho e sentamos pra conversar: *“olha, quem sabe no dia seguinte, quando a gente for na associação, o Shandler não senta junto com a Tati e com uma das doutorandas para fazer os questionamentos também?”*. Porque percebemos uma “margem” de que talvez elas precisassem falar mais, sobre outras questões. E a equipe que havia trabalhado no roteiro estava concentrada em não fugir da proposta inicial, o que é normal para direcionar a conversa e para o enfoque do tema, mas ainda assim, havia uma necessidade maior de espaço dessas entrevistadas. Nós pensamos que se tivesse uma pessoa que trabalha com produção audiovisual, também fazendo a entrevista, talvez ampliasse as possibilidades de fala e trouxesse reflexões sobre a vida e particularidades de cada pessoa. E foi o que acabou acontecendo no dia seguinte.

Há uma singularidade a partir daqui nessa produção, no sentido de que nos abrimos para a experiência e ela se abriu para nós. Como juntar a experiência e vivência de um cotidiano de outras questões que “não faziam parte”, de um olhar mais distanciado. Trazer o Shandler, enquanto uma pessoa negra, pra falar de questões que também lhe afetam diretamente, era extremamente importante e fundamental. Isso trouxe uma outra virada na produção. E a importância de estarmos nesses momentos de produção atentos a essa possibilidade de mudança, de reconstrução do próprio roteiro. Foi também uma questão técnica, porque consideramos que seria muito proveitoso para o nosso produto audiovisual explorar outras características, outras falas que as pessoas poderiam trazer para além do tema da vacinação, mas sempre mantendo ele enquanto ponto central. Houve um entendimento de que isso seria muito rico para a nossa montagem.

As Figuras 34, 35, 36, 37 e 38 mostram bastidores das gravações com a Dona Edite.

Figura 34 - Edite emocionada durante as gravações



Figura 35 - Equipe "escondida" atrás da câmera





Figura 36 - Vista de frente da casa da Edite



Figura 37 - Porção de gatos no terreno da Edite



Figura 38 - Preparação para o início das gravações com a Edite



Partimos então para o último dia, que era o grande dia, onde iríamos conversar com todas essas lideranças quilombolas, na Associação Rosa Marques Osório. Elas iriam preparar um almoço para nós todos da equipe, para confraternizarmos naquele momento. Então tivemos que fazer um exercício de cronograma e encaixar 11 entrevistas nesse dia. A manhã iniciou no

Quilombinho, um local especial que já havia sido levemente explorado na pré-visita e que a gente tinha expectativas enormes de filmagem. Primeiro porque era o local de residência da Catiane, que era uma pessoa que estava em contato com a equipe há um tempo e que foi criando laços conosco. O Quilombinho era um dos locais mais humildes que realizamos filmagem e nós estávamos pensando em como conseguiríamos adentrar esse espaço com toda a equipe, com todos os equipamentos, invadir a intimidade dessas pessoas. Porque era um local estreito, com as casas próximas, de madeira. Estávamos apreensivos de causar um efeito negativo nas pessoas daquela comunidade.

A filmagem foi realizada na casa da Catiane, no quintal. A família dela ficou escondida dentro da casa e é a filmagem que tem um dos takes mais bonitos do documentário, que é ela sentada no degrau de casa, à distância, com um pedaço de laranjeira aparecendo, em um plano frontal e aberto, como é possível ver na figura 35. E foi desafiador, porque foi uma entrevista longa, levou a manhã inteira. Ela falou bastante, são quase 2 horas de material dessa entrevista e que teve inúmeros momentos emocionantes. Após o final da entrevista, fizemos várias filmagens externas. Uma parte da equipe partiu para a Associação, para ajudar na preparação do almoço, e outra ficou filmando por ali. Filmamos detalhes do local, as casas, as pessoas, uma estufa de plantas que tem atrás da casa da Catiane, que ela e a família cuidam, mas que por opção acabou ficando de fora da versão final. E estava muito calor. Foi mais um dia que sofremos com a temperatura e com o tempo curto para filmar tudo.

A fala da Catiani é fundamental, é uma das falas que norteia o documentário (iniciamos com a fala dela, por exemplo). Nós já aplicamos nesta entrevista a ideia da participação do Shandler, o que levou também a essa duração de 2 horas e a um processo de deixar a pessoa entrevistada mais aberta para a sua fala e livre para abordar questões que perpassavam o tema proposto da vacinação.

Nesse momento, a partir da conversa que tivemos na noite anterior, nos desprendermos indiretamente de “amarras” de que queríamos fazer um curta-metragem. Isso ainda não estava posto, não houve diálogo sobre isso, mas acho que internamente nos desvencilhamos de qualquer laço que nos prendia para seguir uma predeterminação e estabelecemos: vamos deixar essa câmera rodando, vamos ouvir o que essas pessoas querem falar. Claro, vamos indicar o caminho através de algumas perguntas, mas vamos deixar esse espaço aberto para elas nos trazerem questões que elas acham que cruzam com o que a gente estava perguntando para elas ou que elas simplesmente queiram nos contar. Essa ideia de fazer um curta acabou nos colocando limites naquilo que iríamos produzir. Mas a cada vez que mergulhamos naquela realidade de uma forma mais intensa e mais densa, fomos vendo a necessidade de romper com

isso, justamente para trazer a essência da vida daquelas pessoas, porque era isso que estava em jogo.

Ali no Quilombinho, por exemplo, era um espaço que estavam concentradas várias famílias, que são as com mais precariedade do ponto de vista das condições de vida e de moradia. Porque também é um espaço com concentração de casas e de densidade populacional, pois essas pessoas foram sendo pressionadas pelos grandes proprietários e acabaram ficando num pequeno espaço. O que é totalmente distinto das outras pessoas, das outras mulheres quilombolas e moradores que ocupam outras partes do território, que não tem essa questão de pressão territorial, por exemplo. Portanto, era necessário dar espaço para que esse contexto todo pudesse emergir na fala e na captação das imagens, o que acabou acontecendo. A fala da Catiane é muito potente. O momento de gravação teve um efeito muito forte em todos nós enquanto equipe. Quando ela traz a fala da perda do marido e a consequência do não apoio que ela teve no seu emprego, que era na Secretaria de Saúde, por exemplo. Ela traz a cobrança muito forte da presença dela no trabalho, enquanto o que ela precisava era ficar em casa, cuidando do marido. Em um determinado momento ela disse que não sabia o que era pior: ir trabalhar ou ficar em casa cuidando do marido, que estava com câncer e prestes a morrer. Ela traz momentos fortes para nós e que de certa forma mostram como ela enxerga a vida, a positividade apesar de toda a dificuldade que estava passando, como quando o marido perde um olho para o câncer e ela diz: *“amor, mas o que é um olho? você ainda tem o outro...”*.

Ela traz toda a beleza que foi vista pela equipe na pré entrevista, um local muito florido, muito agradável. E a casa dela reflete isso. A pessoa que ela é reflete isso. A lembrança que eu tenho é de um momento mágico.

Em diversos momentos da fala dela em relação ao que é ser quilombola, ela fala da força. Ela busca essa força na ancestralidade, que foi permitindo resistir para continuar existindo, mas com essa beleza, com esse olhar que buscava sempre enfrentar de uma forma afetiva as adversidades. E ela fala no filme diversas vezes o quanto ela busca que as pessoas olhem de um outro jeito para quem mora Quilombinho. A Catiane foi a primeira pessoa a trazer para nós na sua fala as questões raciais de uma maneira mais contundente, de como ela vivenciou o racismo na vida dela e como isso atravessou a vida dela na pandemia de COVID-19. Saímos impactados dessa experiência e energizados também para dar sequência no restante do dia, na entrevista com essas lideranças quilombolas, algo tão importante. As Figuras 39, 40, 41, 42, 43 e 44 mostram momentos e bastidores das gravações no Quilombinho com a Catiani.

Figura 39 - Frame do documentário mostra a beleza do enquadramento realizado pelo Shandler



Figura 40 - O enquadramento através do monitor de referência



Figura 41 - Discussão entre a equipe antes da filmagem com a Catiani





Figura 42 - Eu e Shandler protegidos do sol para conseguir enxergar o visor da câmera



Figura 43 - Catiani sentada no degrau de sua casa e falando com a equipe durante momento da gravação



Figura 44 - Um dos muitos caminhos do quilombinho



Figura 45- Jéferson observa o Shandler operar o drone para capturar imagens do Quilombinho



Ao finalizarmos as gravações no Quilombinho, nos dirigimos para a Associação, para o almoço preparado por elas, uma galinhada que foi um momento muito bom de interação com essas mulheres, com essa comunidade. Eu me senti acolhido e parte desse contexto nesse

momento. Cozinhar para alguém é uma das maneiras mais nobres de afeto, dispor do seu tempo e energia para cozinhar e oferecer para outras pessoas. O Gustavo havia ido já antes para fazer algumas imagens desse processo de produção da galinhada. Ele foi filmar a Lélia realizando essa produção da refeição, que entra em um momento importantíssimo também do filme, onde a própria Lélia fala que precisou em um determinado ponto da vida, comer restos de comida de porcos porque ela e a família passavam fome. Acaba sendo um contraste muito forte que a gente trouxe na montagem do filme, dessa fala, desse absurdo que ela passou na vida, com a imagem dela produzindo essa galinhada, com aquela fartura que havia naquele momento e com muito amor.

Foi muito especial essa possibilidade que elas nos deram de abrir o espaço da associação para as gravações, mas elas trouxeram muito mais do que isso. Trouxeram a comida pelo afeto. No sentido de se afetarem com aquilo que a gente estava tentando construir com elas. A comida veio nesse sentido como um acolhimento, uma possibilidade de que sim, elas estavam inteiras conosco nos falando sobre esse cotidiano e essa vida. E todas as falas da tarde foram muito intensas.

Almoçamos, fizemos todo o processo de interação com a comunidade, algo que nem todos têm essa oportunidade quando vão a campo produzir um documentário. Foi um privilégio, importante demais. E nós enquanto equipe decidimos onde faríamos essa filmagem porque já era avançada a tarde, acho que umas 15h se não me engano quando começamos essas entrevistas. Pensamos na quantidade de pessoas que iríamos entrevistar, no caso 11 mulheres, e em como a luz natural iria durar somente mais algumas horas e como isso iria impactar visualmente, toda a mudança de luz que aconteceria do início dessa gravação até o final. Então resolvemos montar o set dentro da Associação, o mesmo local onde almoçamos, que era um local com pouca luz natural à disposição. Nós decidimos fechar então todas as janelas (a exceção de uma) e assumir a utilização de luz artificial para gravar essas entrevistas.

É o momento que mais tem falas no documentário, devido em grande parte a sua importância. Foi a captação mais desafiadora que fizemos até o momento, justamente por termos somente 2 canhões de luz e que foram usados sabiamente. Quando se vê o filme, não é possível perceber se essa gravação foi feita durante o dia ou a noite. Não há uma mudança de luz entre as falas e isso é muito importante para o nosso bom resultado final. É importante frisar essa questão técnica, porque como são algumas das falas mais importantes e que compõe a maioria do filme, se essa gravação tivesse ficado ruim, teria arruinado tudo. Então conseguimos contornar essa situação e muito pela qualidade técnica do equipamento do Shandler, que tem uma potência de ISO para filmar em baixa luminosidade e também, obviamente, pela sua

competência profissional. O que ajudou a deixar a imagem com a nitidez necessária e sem dever nada na sua entrega.

Ligamos a câmera já com essas vivências dos últimos dias e com essa ideia de deixar elas falarem um pouco mais. A primeira pessoa que entrevistamos, nós ligamos a câmera e começamos a fazer as perguntas e a pessoa foi falando muito além do que apenas responder essas questões. Já nesse início tivemos uma noção do que ia vir pela frente e de como teríamos que lidar com as entrevistas dessas mulheres quilombolas. Elas tinham muita coisa pra relatar entre vivências e histórias daquela comunidade. E a maioria das gravações individuais passou de 01h cada.

A entrevista de Lélia é um caso à parte. Ligamos a câmera, falamos que estávamos gravando e a gente não fez pergunta alguma para ela. Ela simplesmente nos contou a sua história, falou as experiências de vida que queria contar, sobre a COVID-19, sobre o processo de vacinação, sobre memória, sobre o que ela entendia por ser uma mulher negra e uma mulher quilombola. É um depoimento raro que conseguimos captar, que tem uma enorme potência dentro do documentário e que gera uma capacidade de reflexão enorme em nós, mas principalmente em nós enquanto pessoas brancas. Todas as vezes em que ela aparece em cena, optamos por utilizar apenas a câmera de *close-up*, que retrata muito o que foi aquele momento da entrevista: olho no olho o tempo inteiro para contar a sua história e isso tem um grande diferencial.

Foi um desafio porque não estávamos preparados para falas tão extensas e tão longas. A nossa ideia inicial, baseado principalmente nos dias anteriores, era encerrar o dia de gravações ao anoitecer. E nós saímos de lá já eram mais de 22h. Foi uma gravação que muito se estendeu, que foi muito cansativo. Mas foi tanto pra nós quanto para essas mulheres que lá estavam para dar o depoimento. E em nenhum momento elas quiseram desistir, todas elas ficaram até o final aguardando a sua vez de falar.

Fomos nos adaptando enquanto equipe ao ambiente e ao que se colocava para nós, e principalmente, ao que as pessoas estavam nos oferecendo. Foi isso que captamos, é isso que está registrado. Foram mais de 20 horas de gravação para um resultado final de documentário de 1h18. Então muitas falas foram deixadas de fora, claro, depois de muita discussão entre a equipe na pós-produção, mas precisávamos cortar para montar um documentário coerente e com os momentos mais preciosos daquela experiência.

E a última entrevistada foi a professora Elizabete. Já estávamos extenuados do dia de gravações e vem a Elizabete, com toda a sua potência, toda a frieza dela, senta e começa a falar. E as falas mais importantes do documentário são as dela. É através da fala dela que são inseridas

todas as questões no documentário. Elas servem como guia para a história da vacinação e para a história dessa comunidade e nós estávamos ali para ouvir e registrar a partir desse encontro intercultural e intepistêmico.

A professora Elizabete era uma pessoa um tanto resistente com a equipe, um pouco desconfiada, e que só se soltou conosco depois que ela participou da gravação, depois que ela viu que estávamos trabalhando com seriedade para contar essa história. No seu depoimento, ela traz de maneira muito contundente o racismo em todas as suas formas, o negacionismo, o quanto isso impactou a vida dessa comunidade, a omissão do Estado... Ela nos traz formas de poder pensar, a partir de tudo o que aconteceu, quais foram as consequências em relação aos quilombolas. Ela pode ter se colocado diante de nós de uma forma mais distante, mas ao mesmo tempo ela sempre teve uma preocupação muito grande de estar representando um coletivo. Em vários momentos ela coloca: *“olha, o que eu estou falando aqui talvez não seja só meu, seja de todos”*. E quando ela trazia as questões mais individuais, falava: *“talvez outras pessoas sofreram mais do que eu”*. Então sempre essa preocupação de estar falando em nome de todos e não somente dela, que é algo que tem ligação enorme e fundamental com a própria essência e a identidade quilombola. Nas Figuras 46, 47, 48, 49 e 50 podemos ver registros da Associação Rosa Marques Osório e de confraternização entre equipe de produção do documentário e as mulheres quilombolas.

Figura 46 - Placa em frente a Associação Rosa Marques Osório



Figura 47 - Registro de café da manhã na Associação Rosa Marques Osório





Figura 48 - Fachada da Associação Rosa Marques Osório



Figura 49 - Lélia preparando uma galinhada para o momento de confraternização entre as mulheres quilombolas e a equipe de filmagem



Figura 50 - Equipe do documentário posa em frente a Associação Rosa Marques Osório com as mulheres quilombolas



#### 4.5 DE CURTA-METRAGEM À DOCUMENTÁRIO

Com mais de 20 horas de gravação, precisávamos então passar para essa etapa de pós-produção, onde precisaríamos pensar em trabalhar todas as tomadas produzidas, em termos de imagem e de áudio, mas sobretudo iniciar a montagem. Fizemos algumas reuniões com a equipe completa para entendermos onde queríamos chegar, depois de já ter vivenciado essa experiência e o que a gente poderia construir a partir disso. Na mesa de montagem do filme, me vejo desafiado com esse montante de falas, porque tínhamos inicialmente o tema central da vacinação na comunidade quilombola, mas que durante a gravação, surgiram todas essas outras questões que foram trazidas por essas mulheres até nós e que não poderiam ficar de fora. Então o desafio era: como que a gente vai construir um curta-metragem, com 20 horas de gravação? Como vamos colocar todas essas falas em no máximo 29 minutos? Todas essas falas, toda a importância dessas questões que elas nos trouxeram e ainda contextualizar a vacinação?

Durante esse processo, conforme eu fui colocando os arquivos no editor de vídeo e tentando fazer uma montagem linear do que tinha acontecido, para que fosse possível visualizar o que tínhamos de material, foi ficando cada vez mais nítido que seria impossível fazer um curta-metragem. Quer dizer, possível seria, só que ainda assim hoje eu teria escolhido não fazer.

Porque muita coisa teria que ter ficado de fora e muita coisa importante que mexe com a gente, com quem está assistindo. São questões que perpassam esse tema inicial da vacinação contra COVID-19 e que desencadearam falas e situações que precisavam ser ditas e que também se relacionam com um tema central de saúde coletiva, de saúde dessa população de uma maneira geral. Não era nosso papel, enquanto produtores audiovisuais e enquanto equipe de cientistas, deixar essas questões de fora por uma mera questão de roteiro. Então, após algumas reuniões, decidimos que faríamos um longa-metragem, ao invés de um curta, que foi um dos momentos mais importantes dessa produção toda.

[...] em todas as entrevistas procurar preservar o mundo cultural daquela comunidade, se é um filme sobre comunidade, ou preservar em cada personagem, a “verdade” do que ela quis dizer. E, na estrutura geral, a preocupação é preservar aquela relação ética, aquela relação com a comunidade que você quis mostrar. (COUTINHO, 1997)

Essa ideia do curta-metragem, esse desejo de colocar esse registro no mundo, tinha a nossa vontade de que ele também pudesse caminhar os caminhos dos festivais de cinema, para que percorresse também os caminhos para fora do próprio campo da saúde coletiva. Mas a densidade do que tinha nas gravações nos colocou a pensar sobre os objetivos que a gente teria com essa produção. Em uma dessas reuniões foi esboçado um roteiro inicial de montagem, para tentar guiar o espectador pela história principal, pelo fio que unia todas as histórias que era a vacinação, e a partir disso desencadear outras falas, outras questões que acabaram surgindo. E foi nesse sentido que foi feita a montagem do filme. Foi um processo longo de sete meses de montagem. Um trabalho de formiguinha, trabalhando um pouquinho cada dia, para que se pudesse chegar em uma primeira versão.

Em vários momentos das falas das mulheres quilombolas, veio a questão que é ilustrada na fala inicial da Catiane: *“Eu, quilombola, ser vacinada enquanto uma quilombola, fez uma grande diferença”*. Então houve todo um momento de visualização de cada uma dessas histórias individualmente, para que a gente pudesse conseguir pensar como que elas pudessem ocupar um fio narrativo, que não fosse a linearidade dos acontecimentos, e veio muito fortemente essa questão do *“Eu, ser quilombola”*, em um primeiro momento. Mas esse “eu” está ligado a uma identidade que é coletiva, que não é só o “eu” individualmente. E o próprio processo de vacinação também representava isso. Não bastava um só individualmente ser vacinado, todos precisariam ser vacinados, porque, afinal de contas, a proteção é coletiva e não individual. Isso foi fazendo sentido pra gente na busca dessa linha narrativa.

Nesse processo de montagem nos demos conta que essas mulheres quilombolas eram as protagonistas. A história inicial que queríamos contar era sobre a vacinação contra COVID-19, de como as gestoras lidaram com isso, como as profissionais de saúde lidaram e isso, foi ficando um pouco ofuscado por todas essas questões que as mulheres quilombolas nos trouxeram. A questão quilombola emergiu pra gente durante o processo de montagem, porque foi o momento que paramos para ver e escutar essas falas. A gente discutiu muito essas falas e entrevistas. Então assistimos essas 20 horas de filmagem algumas vezes para então nos darmos conta de que essas mulheres eram as verdadeiras protagonistas. A questão quilombola é o protagonismo no filme. E a Tatiana veio com a ideia brilhante do título “Eu, nós... Elas Quilombolas”. O título era algo que a gente já estava há algum tempo pensando e que primeiro seria “Se não fossem as listas e os braços”, título totalmente voltado para o processo de vacinação.

O intuito da montagem era cortar um pouco esses laços acadêmicos e tornar essa experiência uma produção audiovisual, independente da questão acadêmica. Eu fui trabalhando no processo de montagem com a questão do espectador, da visão. Como que seria interessante passar essa história para que quem tivesse assistindo entendesse os conceitos da vacinação que a gente queria passar, de como se deu essa história naquela comunidade quilombola, mas também trazer todo o tempo essa questão de identidade. Então o filme é todo entrecortado por essas questões do início ao fim: vacinação e identidade. E eu utilizei muitas imagens que realizamos “de preenchimento”, de como era o território, as casas das pessoas, a localidade. Questões sensíveis como quando aparecem as toalhas balançando pelos ventos na casa da Sonia e da Maísa ou um bando de pássaros voando após a Figueira aparecer na tela, por exemplo. E então eu me dei conta de que faltava algo para interligar algumas questões, para dar um respiro no filme após algumas falas, para que fizessem sentido algumas coisas que não tínhamos conseguido filmar, que não foi possível captar em imagens, e a gente foi com um restinho de verba procurar uma artista visual, a Natália Gregorini. Ela somou muito nesse projeto, fez todas as ilustrações, que depois viraram animações ilustradas e que vão nos dando o tom da história. São momentos de dissipação dessa energia, muitas vezes de um momento difícil que é trazido através das falas e que viram poesia através dessas ilustrações, dessas imagens. Elas aparecem em momentos delicados do filme e nos guiam através dessa sensibilidade artística.

Do ponto de vista científico, por exemplo, como que apresentar esse local de estudo, esse cenário, essa população de estudo que a gente tem? Buscamos um mapa, vamos situar no mapa exatamente onde fica a localidade e essa era a ideia inicial. Inclusive, de fazer a ilustração de um mapa, porque a nossa preocupação era: como vamos botar isso em imagem no filme? Partimos disso presos nessa ideia de produção acadêmica. Mas a produção audiovisual não

precisa disso. Não precisamos localizar exatamente no mapa onde fica, vamos mostrar esse território de um outro jeito. Nas imagens é possível ver que circulamos por Osório e Maquiné de diferentes formas. Falamos de Maquiné e Osório, mas não pontuamos: aqui é Maquiné, aqui é Osório. Porque, no fundo, foi o que a própria identidade quilombola nos trouxe, que para muito além de um território demarcado, essa identidade extrapola esse território. Então não precisava exatamente dizer onde ficava esse território porque são as pessoas, elas próprias, o território. E isso é muito bem ilustrado nos desenhos da Natália, principalmente o da Figueira, que é apresentado através da árvore, mas que se expande e mostra as raízes e um coração pulsante. Na Figura 51, podemos ver essa ilustração.

Figura 51 - Ilustração da Figueira com suas raízes formando um coração: luta, sentimento e ancestralidade



A busca das ilustrações foi para poder fazer um pouco esses momentos sínteses no filme, ilustrações que tiveram um traço manual, com carvão, nas cores terrosas para mostrar um pouco essa ligação com o território, dessa ancestralidade do território, e claro, foram trazendo perspectivas do quanto essa ancestralidade e memória ia passando de geração em geração para muito além do território físico. Quando se busca as ilustrações da Marielle, por exemplo, isso vai nos trazendo outras possibilidades e que foram importantes nessa montagem, que produziu esses sentidos que a gente estava querendo. Trouxemos ainda a música de Elizeth Cardoso, Manhã de Carnaval, e que encerra o filme. Um dia escutei essa música em algum lugar e

imediatamente associei com o nosso documentário, com a esperança e luta dessas mulheres e com a preservação de memória e perseverança de dias melhores. Corremos atrás de produtor e de gravadora pra conseguirmos a liberação para utilizar no filme e deu tudo certo.

E a parte final, a de encerramento, decidimos utilizar imagens de algumas dessas mulheres olhando para a gente (Figuras 52, 53, 54 e 55) delas olhando para o horizonte, e uma das imagens mais lindas que conseguimos captar, que é a imagem da Catiane com a sua família dentro de casa (Figura 52). Esse frame, esse enquadramento, me remeteu muito a Eduardo Coutinho e também a Central do Brasil, produtos audiovisuais nacionais que tentam passar essa identidade, esse sofrimento do povo brasileiro e que desse sofrimento nasce uma beleza infundável, de uma magnitude que não conseguimos compreender. É um momento muito bonito e que sempre me emociona. A fotografia do filme é belíssima porque retrata esteticamente questões tão profundas, fruto de uma resistência ao racismo, e essa omissão e descaso, essa privação de direitos historicamente produzidas para essas populações no nosso país.

Figura 52 - Frame do documentário com *close up* na Edite



Figura 53 - Frame do documentário com *close up* na Catiani



Figura 54 - Frame do documentário com *close up* na Sônia





Figura 55 - Frame do documentário com close up na Maísa



Figura 56 - Registro da família da Catiani em frame do documentário. Inspiração no cinema de Eduardo Coutinho



## 5 A ESCRITA DAS IMAGENS

Foram sete meses de edição, um ano de produção total do documentário. A montagem do filme, as reuniões, a sensibilidade para se chegar a uma ideia final, aconteceu junto com muitas outras coisas na nossa vida. Trabalhando em outros projetos, estudos, etc. Então durante a pós-produção, nós não nos dedicamos exclusivamente para esse trabalho e isso tem um impacto no resultado final. Me sinto muito orgulhoso do que construímos, tem muito carinho e dedicação envolvida. Só que seria muito melhor lapidado se tivéssemos, por exemplo, um financiamento mais robusto, que a Academia acreditasse na produção audiovisual enquanto ciência, que valorizasse a produção científica através da arte. De encontrar a sua legitimidade enquanto uma forma de produção que tem uma potência e que não é somente uma divulgação científica, é a potência de produzir uma transformação social, muito distinta da produção escrita tradicional. A potência do uso das imagens está nisso: provocar transformações que dialoguem mais com o imaginário social do que a escrita. Há uma escrita nessas imagens.

O fato de ter escolhido esse formato de gravar em áudio o que foi essa experiência, é pela dificuldade de não se conseguir retratar da mesma forma essa escrita visual em uma escrita textual. Esse pensar em imagens é um exercício que não é simples e, portanto, nos exige um deslocamento que é também epistemológico. E isso não tem menos valia do que pensar textualmente. São formas distintas, mas ambas possíveis de serem utilizadas na produção científica. Essa produção não teria o mesmo impacto se fosse um artigo científico. Se não tivéssemos imagens, se não olhássemos para aquelas mulheres e não tivéssemos elas olhando para a câmera. Se não retratássemos isso em ilustrações, com os pássaros voando, se não mostrássemos a figueira, os campos daquela região. A valorização entra na conjunção desses elementos que é o principal que trago pra esse trabalho de conclusão.

É um sentimento de alívio ter conseguido realizar esse trabalho, tenho muito orgulho de ter feito esse documentário, principalmente por todas as questões que ele traz pra nós, pra sociedade. Orgulho da reflexão que fizemos enquanto equipe em todos os processos, desde a pré-produção até a pós produção, de como lidamos com as situações. Honramos muito a ética. Assim que finalizamos um primeiro corte, voltamos até a comunidade de Morro Alto e fizemos uma sessão de cinema para apresentar o filme para essas pessoas, fizemos pipoca, confraternizamos os laços construídos durante a produção. Nós queríamos ver o que elas pensavam e se estavam de acordo com o que estávamos mostrando no filme. Nós queríamos mostrar para elas que estávamos ali não apenas para realizar o nosso trabalho no campo documental, mas que também havíamos nos afetado por essa experiência e que isso havia transformado a nossa relação e quem éramos até aquele momento.

O que se pode fazer, o que procuro fazer sempre, até onde posso, é devolver a imagem que captei dessas pessoas a elas mesmas, durante ou depois da filmagem. O pecado original do documentário é roubar a imagem alheia e, para compensar esse pecado, uma das coisas que faço é mostrar, durante ou depois das filmagens, o produto final, ou o produto em andamento. [...] Tento ser digno da confiança que essa comunidade depositou em mim, quer dizer, eu me sinto responsável diante dessa comunidade. (COUTINHO, 1997)

Nas figuras 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63 e 64 podemos observar registros da devolutiva da produção para a comunidade de Morro Alto-RS e as sessões de lançamento no Centro Cultural da UFRGS e na Sala Redenção, ambas com a presença das mulheres quilombolas.

Figura 57 - Equipe em deslocamento para primeira exibição do documentário para a comunidade de Morro Alto-RS



Figura 58 - Shandler, Tatiana e Ricardo posando com o pôster do documentário, na frente da Associação Rosa Marques Osório no dia da primeira exibição do documentário para a comunidade



Figura 59 - Momento da primeira exibição do documentário na Associação Rosa Marques Osório



Figura 60 - Equipe tensa nos bastidores, acompanhando a reação das pessoas durante a primeira exibição do documentário



Figura 61 - Registro da equipe com as mulheres quilombolas de Morro Alto-RS, após a exibição do documentário, posando com as ilustrações que foram entregues de presente para elas como agradecimento e lembrança dessa experiência





Figura 62 - Lançamento do documentário no Centro Cultural da UFRGS, em dezembro de 2022



Figura 63 - Presença das mulheres quilombolas de Morro Alto-RS, profissionais de saúde de Maquiné-RS e da 18ª Coordenadoria Regional de Saúde do RS no debate do documentário após a sessão no Centro Cultural da UFRGS em dezembro de 2022



Figura 64 - Presença da comunidade do quilombo de Morro Alto-RS na sessão do documentário na Sala de Cinema Redenção, da UFRGS, em março de 2023



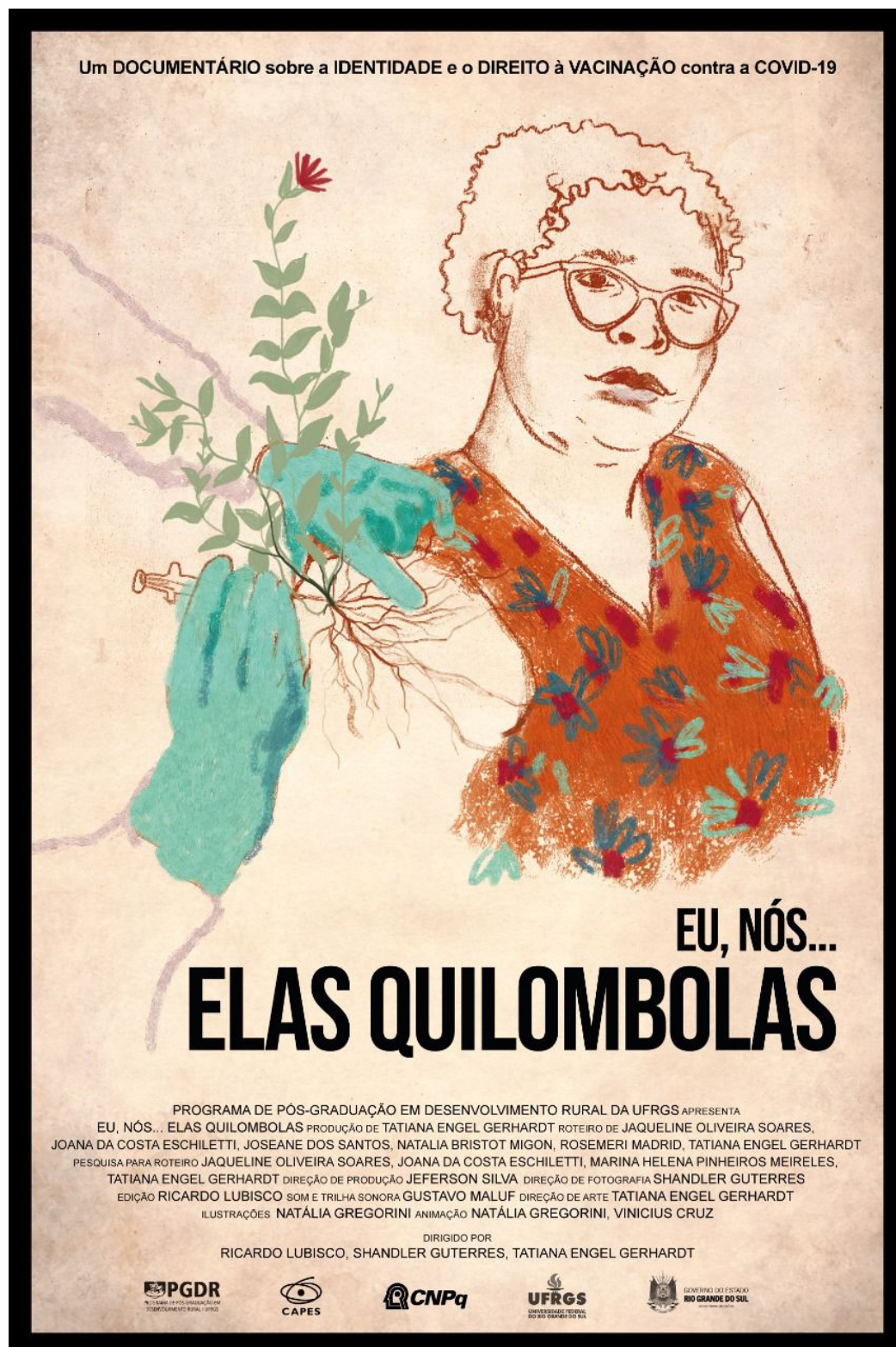
## 6 CONCLUSÃO

O uso das imagens na atuação de um profissional sanitarista é riquíssima. Somos um tipo de profissional que é formado para analisar as mais diversas questões que envolvem a saúde, do micro ao macro, e pensar em como podemos fazer para resolver problemas ou para melhorar essas situações que estamos estudando. No caso desse documentário tentamos expressar, através da escuta e da linguagem visual, subjetividades latentes na construção das relações entre as pessoas que compõe a comunidade quilombola de Morro Alto-RS e as pessoas profissionais de saúde que se relacionam com essa comunidade. A forma artística com que resolvemos mostrar essa história revelou questões subjetivas que só apareceriam dessa maneira, como as imagens da Figueira capturadas através de um drone, a fala engasgada da Dona Edite ao relembrar a sua luta para o fortalecimento da comunidade quilombola através da Associação Rosa Marques Osório, a percepção da jovem Maísa ao se perceber parte dessa grande família quilombola de Morro Alto, as ilustrações que conectam passado e presente, real e imaginário, e que falam diretamente com o emocional de quem está assistindo a obra. São elementos que não teriam a mesmo resultado apenas em um artigo científico (o qual a realização desse documentário também produziu) ou apenas com a gravação de áudio. O áudio de emoção da Dona Edite não teria a mesma força do que com a sua imagem emocionada. E a devolutiva dessa construção, para a comunidade quilombola de Morro Alto-RS, exemplifica a qualidade do trabalho realizado através (também) da percepção de um sanitarista. O que antes era desconfiança (da comunidade com a equipe) virou confiança no momento em que se apagaram as luzes e as primeiras imagens tomaram conta do telão improvisado na parede da Associação Rosa Marques Osório. Fomos testemunhas da atenção, do respeito, das lágrimas e sorrisos que permearam o rosto de quem estava lá vendo a sua história sendo contada sem distorções, sem pequenos interesses disfarçados e com muito respeito. Se essa intervenção cinematográfica foi a Morro Alto-RS apenas para o registro do processo de vacinação contra COVID-19 dessa comunidade quilombola, saiu de lá com o registro de gerações de pessoas quilombolas que nunca antes haviam sido escutadas e que tem muito a nos ensinar enquanto profissionais da saúde, enquanto acadêmicos e enquanto pessoas que também vivem em comunidades.

Assim como foi pra nós, que esse documentário possa ser realmente um dispositivo pedagógico antirracista.

Link para o documentário: [Eu, Nós... ELAS Quilombolas - Filme completo \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

Figura 65 - Pôster final do documentário



## 7 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRASCO. Dossiê ABRASCO: Pandemia de COVID-19. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2022. 315p. [Internet]. [citado 8 de janeiro de 2023]. Disponível em: <https://materiais.abrasco.org.br/publicacoes-abrascao/>

ALMEIDA, S. Racismo estrutural. [Structural Racism] São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.

ANUNCIACÃO D, PEREIRA LL, SILVA HP, NUNES APN, SOARES JO. (Des)caminhos na garantia da saúde da população negra e no enfrentamento ao racismo no Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva* 2022; 27:3861–70.

ARAÚJO EM, CALDWELL KL, SANTOS MPA, SOUZA IM, ROSA PLFS, SANTOS ABS, et al. Morbimortalidade pela Covid-19 segundo raça/cor/etnia: a experiência do Brasil e dos Estados Unidos. *Saúde em Debate* 2020; 44(special 4 Dec):191–205.

COUTINHO, Eduardo. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. *Proj História*, São Paulo (15), abr, 1997.

CUSICANQUI Silvia Rivera. *Sociología de la imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina*. Buenos Aires: Tinta Limón Ediciones; 2015.

DINIZ D. Ética na pesquisa em ciências humanas: novos desafios. *Ciênc Saúde Coletiva* 2008;13:417–26.

FERRAZ Ana Lúcia. Metamorfoses da imagem nas ciências sociais: três experiências com o filme etnográfico. *Revista Sociedade e Estado*. 2022; 37(1):111-126.

GERHARDT, Tatiana Engel, MIGON, Natália Bristot, MADRID, Rosemeri da Silva, SOARES, Jaqueline Oliveira, LUBISCO, Ricardo Palmeiro, ESCHILETTI, Joana da Costa SANTOS, Joseane dos. *Eu, nós... ELAS Quilombolas: documentário sobre vacinação contra COVID-19 em Quilombolas enquanto dispositivo antirracista*. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, vol 29, n3, 2024 (no prelo).

GOES EF, RAMOS D de O, FERREIRA AJF. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. *Trab Educ Saúde* [Internet]. 29 de maio de 2020 [citado 6 de janeiro de 2023];18.

LANDA Mariano B. Metodologías audiovisuales participativas. Un desafío epistémico, ético e político. *Revista Sociedade e Estado*, 2022; 37(1):101-110.

LINS C. O documentário de Eduardo Coutinho. Televisão, cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

SOUZA EP. “O caso do homem errado” – o cinema como instrumento de denúncias do genocídio da população negra. AVANCA | CINEMA - Conferência Internacional de Cinema - Arte, Tecnologia, Comunicação. 2020, [acesso em 06 de outubro de 2023] Disponível em: <https://publication.avanca.org/index.php/avancacinema/article/view/158>